

Homossociabilidade midiática: do silenciamento aos relatos íntimos da auto-afirmação identitária em blogs gays

Wagner Alonge

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação Midiática da FAAC/UNESP

Resumo

A Internet tem atraído cada vez mais a atenção de pesquisadores como um novo espaço social no qual são gestadas novas formas de comunicação, sociabilidade e convivência. Nesse sentido o ciberespaço pode ser compreendido como espaço de estruturação de redes de homossociabilidade onde se evidencia informações sobre impasses relativos ao poder normativo e os conflitos pessoais que perpassam o cotidiano dos homossexuais. Estes sujeitos concretizam virtualmente uma sociabilidade de estabelecimentos de espaços, da construção de si e da vinculação com o nós (comunidade), sendo assim espaços de auto-afirmação da identidade *gay*, ou seja, esta identidade é marca de uma geração em que uma homocultura não só se vê cada vez mais midiaticizada bem como cada vez mais visível para longe de guetos e subculturas, que buscam romper a clandestinidade através da apropriação das redes de comunicação digitais e sua possibilidade de publicização discursiva através de canais midiáticos como os *weblogs*, que potencializam a livre expressão aliando visibilidade e interatividade.

Palavras-chaves: identidade(s) homossexual(ais); homocultura; homossociabilidade virtual; weblogs.

Abstract

The Internet has been attracting the attention of researchers as a new social space where new ways of communication, interaction and sociability are generated. In this sense the cyberspace may be understood as a space for the creation of nets of “homosociability” where it is exchanged information related to normative power and personal conflicts of homosexuals. These people virtually build a sociability of self construction and relation with community, becoming spaces for the affirmation of gay identity, namely, this identity is the characteristic of a generation where homosexual culture has been more and more “*mediatic*” and visible beyond ghettos and subcultures throughout “*mediatic*” channels such as *weblogs* which are able to optimise free expression.

Keywords: identities homosexuals; homoculture; virtually homosociability; weblogs;

Sexualidade plástica e auto-identidade

Ser ou não ser, eis a questão: É mais nobre para o espírito sofrer os golpes e flechas do insultuoso destino ou enfrentar um mar de desgraças até dar-lhes fim? Morrer ou dormir; nada mais (WILLIAM SHAKESPEARE).

A transformação da sexualidade, num ponto relevante para a promoção da identidade, veio afirmar a crescente importância de áreas até agora protegidas pela barreira do privado, tais como o gênero, o corpo e a orientação sexual. Tais fatores representaram alterações na vida cotidiana, conduzindo, por exemplo, à emergência de novos laços de segurança, com a destruição dos antigos, baseados na tradição, no parentesco e nas relações de sociabilidade local. A confiança transformou-se, assim, em algo a concretizar, cuja construção “*significa um processo mútuo de autodesvendamento*” (GIDDENS, 1993, p. 85), no qual a sexualidade constitui um terreno privilegiado de criação e descoberta. Esse contexto transformativo e fluído testemunha a emergência do que Giddens designa por ‘sexualidade plástica’, isto é, a sexualidade convertida em arena de experimentação cujo objetivo primordial é a obtenção de prazer.

A emergência do que eu chamo de sexualidade plástica é crucial para a emancipação implícita no relacionamento puro, assim como para a reivindicação da mulher ao prazer sexual. A sexualidade plástica é a sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução. Tem suas origens na tendência, iniciada no final do século XVIII, à limitação rigorosa da dimensão da família; mas torna-se mais tarde mais desenvolvida como resultado da difusão da contracepção moderna e das novas tecnologias reprodutivas. A sexualidade plástica pode ser caracterizada como um traço da personalidade e, desse modo está intrinsecamente vinculada ao eu (GIDDENS, 1993, p. 10).

A nova sexualidade emergente, decorrente em grande medida do aparecimento dos meios contraceptivos modernos, torna independentes as variáveis sexualidade e reprodução, e transforma o plural ‘sexualidades’ a forma mais adequada de designar a crescente diversidade de modelos possíveis.

Passamos, assim, de uma sexualidade compulsivamente associada à reprodução para uma (muitas) sexualidade(s) emancipada(s) e emancipatória(s), precisamente porque mais dependente(s) da nossa capacidade criativa do que da nossa herança natural. Os reflexos dessas transformações traduzem-se em nível da identidade pessoal, transformando-se, ela própria, num contexto de múltipla escolha e num projeto reflexivo que consiste numa narrativa sobre nós mesmos, continuamente reconstruída e cada vez mais emancipada relativamente aos desígnios alegadamente imperativos da natureza. Nesse sentido, as identidades sexuais, elemento constitutivo da auto-identidade, são ficções construídas, mas necessárias.

Dessa forma, a orientação sexual torna-se central na formação de uma identidade pessoal, face à pluralização dos contextos de ação, das fontes de autoridade e da diversidade de escolhas possíveis, nas quais o próprio corpo está incluído. A multiplicidade de caminhos alternativos à norma exige uma redefinição dos valores e princípios regentes da vida cotidiana. O sujeito previamente vivido, como tendo uma identidade unificada e estável, antes da modernidade, está se tornando fragmentado, composto não só de uma única mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada 'crise de identidade' é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 1992, p. 07).

A luta das mulheres, desde o pós-guerra, passou por vários momentos, desvendou a violência estrutural contra a mulher e denunciou publicamente as estruturas educacionais machistas da sociedade falocrática. As mulheres adquiriram alguns espaços, houve novas formas de cooptação da mulher, houve equívocos, mas o que importa observar é que houve alterações profundas na sociedade e na própria mulher. E aliada a essa luta feminina, um pouco depois, assistimos à luta dos grupos homossexuais¹. Percebe-se que, pela primeira vez, articula-se e destrói-se, no nível do instituído, um discurso sobre a homossexualidade engendrando-se no cerne das lutas sociais e no cotidiano.

Conforme sabemos, não é de hoje que indivíduos autodenominados homossexuais tentam garantir seus direitos enquanto cidadãos, em prol de uma igualdade de direitos face à maioria da população. Assim, temos assistido, em todo o mundo, um aumento das políticas públicas e cidadania, fomentado pelos movimentos homossexuais e pela proliferação de Ongs que buscam lutar pelos direitos antidiscriminatórios, contra a violência homofóbica e, conseqüentemente, pela afirmação de uma identidade hegemônica e de resistência.

¹ O termo homossexual foi cunhado pelo húngaro Benckert, em 1869, para atender a um pedido do Ministério da Justiça da Alemanha, que considerava a pederastia crime. Nesse sentido, trata-se de vocábulo atrelado a criminalização das sexualidades desviantes e às degenerações apregoadas pelo discurso médico. Segundo alguns autores, o vocábulo homossexual é limitado e limitante, pois induz à cristalização de um modelo de desviados no imaginário social como um todo, embora autores façam o uso do vocábulo e não proponham a utilização de outro que o substitua. (Ver: Braga Júnior, L. F. L. *Homoerotismo e Homossociabilidade: Bom crioulo, romance naturalista*, 2004, p. 213-218 /In: Imagem e Diversidade Cultural- Estudos da Homocultura. Nojosa edições.)

Mas cabe mencionar que a homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. Se antes as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia (uma atividade indesejável ou pecaminosa à qual qualquer um poderia sucumbir), tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século: a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido. Categorizado e nomeado como desvio da norma, seu destino só poderia ser o segredo ou a segregação a um lugar incômodo.

As numerosas perversões sexuais catalogadas por psiquiatras, médicos e outros profissionais foram dessa forma abertas a exibição pública e transformada em princípios de classificação da conduta, da personalidade e da auto-identidade. O propósito não era terminar com as perversões, mas atribuir-lhes uma realidade analítica visível e permanente, elas foram implantadas nos corpos, furtivamente introduzidas em modos de conduta indignos. Por isso na legislação pré-moderna a sodomia era definida como um ato proibido, mas não era uma qualidade ou um padrão de comportamento de um indivíduo (GIDDENS, 1993, p. 28-29).

O homossexual do século XIX tornou-se um personagem, um superado, um registro de caso, assim como um tipo de vida, uma forma de vida, uma morfologia (*ibid.*).

De acordo com Foucault:

Não devemos imaginar que todas essas coisas anteriormente toleradas chamassem a atenção e recebessem uma designação pejorativa quando a época acabava de outorgar um papel regulador ao único tipo de sexualidade capaz de reproduzir o poder do trabalho e a forma da família [...]. Foi através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações de poder vinculadas ao sexo e ao prazer se espalharam e multiplicaram, avaliaram o corpo e penetraram nos modos de conduta (FOUCAULT, 1981, p. 47-8).

Ousando se expor a todas as formas de violência e rejeição social, assistimos, ao longo do tempo, alguns homens e mulheres contestando a sexualidade legitimada e arriscando-se a viver fora dos limites e enquadramentos de uma normalidade questionável e imposta. Nesse sentido, a ciência, a Justiça, as igrejas, os grupos conservadores e os grupos emergentes irão atribuir a esses sujeitos e a suas práticas distintos sentidos. A homossexualidade, discursivamente produzida, transforma-se em questão social relevante. A disputa centra-se, fundamentalmente, em seu significado moral. Enquanto isso, assistimos o embate daqueles que assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, com os

outros que proclamam sua normalidade e naturalidade, através de um discurso claro de auto-afirmação identitária.

Sociabilidade de estabelecimento de espaços e construção de si

Hoje, as chamadas ‘minorias’ sexuais estão muito mais visíveis e, conseqüentemente, torna-se mais explícita e acirrada a luta entre elas e os grupos conservadores. A denominação minoria que lhes é atribuída parece, contudo, bastante imprópria. Como afirma Guacira Lopes Louro, “*as minorias nunca poderiam se traduzir como uma inferioridade numérica, mas sim como maiorias silenciosas que, ao se politizar, convertem o gueto em território e o estigma em orgulho gay, étnico, ou de gênero*” (LOURO, 2003).

Pode-se dizer que o mundo homossexual é muito concreto. Reduz-se a lugares de encontro, bares, boates, clubes, a reuniões ou a festas. As organizações homossexuais, geralmente, não ocupam grande espaço, mas existem e, a cada dia mais, proliferam até mesmo nos pequenos centros urbanos. Os bares homossexuais servem como lugar de encontro e sociabilidade e, em alguns casos, são o único espaço onde os homossexuais podem se sentir “eles mesmos”, tendo, por exemplo, atitudes de afeto em público, ou seja, sentem-se fazendo parte de um grupo, mesmo que em um lugar fechado e restrito. Ali se constitui paradoxalmente um espaço onde se cria uma escala micro social de identificação com os mesmos, mas que, em escala macro, podemos dizer que é a criação de um espaço de sociabilidade restrito, uma ilha habitada pelos outros invisíveis socialmente, que ali autoconstituem subjetividades de auto-afirmação de identidades, sendo as identidades relacionais e vinculadas a um *nós* coletivo.

O sentimento de liberdade, no exercício de sua diferença de conduta em meio a iguais, ocorre no plano do sentimento de resistência individual à tendência homogeneizante e enquadradora da sociedade. Entretanto, recria-se, no meio homossexual, o processo disciplinador de normatividade e normalização, pois, se estabelece o sentimento de pertencimento a uma categoria autoconstruída, mas com certas limitações, padrões e estereótipos de comportamento.

Na construção de identidades pautadas no sexual, os sujeitos se sentem livres exercendo sua liberdade sexual, mas esta liberdade não é tão universal, pois esbarra no exercício de se autodenominar a partir de nomenclaturas sexuais já prontas, vestindo-se em padrões fixos de auto-afirmação coercitiva da subjetividade.

Uma análise que tenha por base os pressupostos teóricos de Foucault (1988) indicaria que não haveria aí liberdade, pois são criados papéis e estilos de vida fixos, a interpelação dos sujeitos dando-se por categorias não libertadoras. Foucault mostra como, a partir de mecanismos sociais complexos que incidem sobre os corpos muito antes de atingir as consciências, foram-se dando historicamente mil formas de sujeição. Segundo ele, os homens são, antes de mais nada, objetos de poderes, ciências e instituições.

Contudo, para o caso dos homossexuais, estes ao menos fazem a escolha de não “vestirem” o padrão heteronormativo, criando, então, o sentimento de ruptura com a opressão que suscita a clandestinidade de suas “verdades”. Essa construção das liberdades homossexuais foi obtida pelo reforço de uma sociabilidade específica, implicando uma auto-segregação em comunidades de apoio, que funcionam como mecanismos de reflexo subjetivo da verdade até então camuflada, cujas manifestações mais visíveis são designadas pelo termo gueto.²

Sinônimo de emancipação de uma diferença, a liberação homossexual se traduz pela delimitação de um espaço privado que proteja contra o olhar e o padrão heterossexual: o olhar daqueles socialmente eleitos como “normais”, que não fazem parte do que a sociedade elegeu como “não normal”, os outros. Nesse sentido, Salma Muchail afirma:

A cultura diz o que ela é e não é, excluindo o outro, o diferente, o que não pode ser incorporado na ordem do mesmo. É um mecanismo de normalização do eu, isto é, a tecnologia do eu padronizado pela normatização em parâmetros fixos de normalidade social, sendo os adequados a este parâmetro aqueles que podem ser visíveis e dizíveis (MUCHAIL, 2002, p. 301).

O regime de produção de verdade e estabelecimento de normalidade é institucionalizado basicamente pela ciência, que se apresenta como detentora dos enunciados verdadeiros, ditando o que é socialmente normal ou patológico. Essa racionalidade normativa científica se instaura como parâmetro fundamental para toda a sociedade, racionalidade definida no interior de um ideal de medicalização integral da sociedade e que, apoiada na distinção básica entre o normal e o patológico, torna possível a retomada de todo um processo de patologização dos que não se enquadram no discurso da verdade científica (BRUNI, 1989). Instaure-se um mecanismo de adestramento social dos corpos e comportamentos na esfera do

² Na história, o termo “gueto” designava bairro da cidade onde os judeus eram obrigados a residir. Em sociologia, e seguindo as preocupações da ecologia humana que ressaltam as correlações entre lógicas espaciais e lógicas sociais nas grandes cidades, designa o reagrupamento mais ou menos voluntário de populações homogêneas, segundo um dado critério (étnico, lingüístico, e também pela orientação sexual).

cotidiano e das subjetividades, ou seja, uma auto-regulação baseada nos parâmetros que determinam a normalidade e o que foge a ela.

Sendo os homossexuais os sujeitos que não se enquadram nessa moral normativa e que invertem o padrão heteronormativo instituído na sociedade ocidental, estes mesmos sujeitos fazem uma experiência de si mesmos em um jogo de verdade no qual se relacionam consigo próprio (MUCHAIL, *id.*, p. 302).

Trata-se, especialmente, de linhas de subjetivação, elas apontam para novas possibilidades de existência, não mais as do domínio das regras do saber nem o das regras coercitivas do poder, são regras que correspondem à experiência que o sujeito faz de si, na relação consigo próprio, ou ainda num devir do “mesmo” em “outro” e vice-versa.

O fio condutor, então, é sempre o das relações entre o sujeito e a verdade, tramadas no jogo do mesmo e do outro. Das relações entre sujeito e verdade, ou mesmo do sujeito com sua verdade, na construção de suas subjetividades e identidades, no processo de diferenciação social e construção de si, na busca por uma suposta equidade entre mesmos e outros, (equidade entre diferentes grupos). Na modernidade, passa a existir, intensamente, uma divergência do sentido último da vida, ou seja, o pluralismo das formas de vida, pois não se comunga mais um único padrão formal de vivência na ruptura com o tradicional, isto é, parece que caminhamos, a passos muito lentos, na direção da ruptura de uma premissa unívoca, hierárquica, entre o normal e o patológico, o dizível e o indizível e o visível e o invisível.

Nesse contexto, percebemos ainda a criação de outros mecanismos de instauração de uma sociabilidade de estabelecimentos de espaços da construção de si e da vinculação com o nós (comunidade), ou seja, a uma identidade, e a conseqüente visibilidade social de uma minoria sexual (ou maioria silenciada). Esses sujeitos são constituídos por uma identidade homossexual, identidade ainda marginalizada, mas que busca seu espaço e sua publicização através de mecanismos sociais, como a criação de espaços permissivos (bares, boates) e também de redes midiáticas de comunicação social, como a imprensa, a Internet (blogs³), isto

³ Blog vem da abreviação de weblog, que significa web: teia, tecido, para designar o ambiente virtual, e log: diário de bordo. Segundo o Dicionário de Tecnologia (2003), um weblog é uma página Web que “tem origem pessoal ou não-comercial que usa um sistema de datas, para que seja atualizado diariamente ou quando algo acontece sobre algum assunto [...]. Em geral, weblogs são feitos para um ou mais assuntos ou temas [...] e expressam o pensamento ou temas do interesse do desenvolvedor, que pode ser uma ou mais pessoas” (THING, 2003, p. 951). Os weblogs são, portanto, basicamente páginas dinâmicas pessoais que funcionam como uma espécie de diário, e que podem ter como fio condutor a vida do(s) dono(s) da página ou um ou mais assuntos sobre o qual esse(s) mesmo(s) dono(s) possa(m) discorrer livremente.

é, a própria criação de uma rede social para a prática da auto-afirmação discursiva da identidade gay.

O uso da Internet, nesse âmbito, tem se pautado na dualidade proteção e visibilidade (encontro com mesmos), e podemos mesmo afirmar que a rede das redes é hoje o maior espaço de homosociabilidade, no nível representativo e polifônico de discursos do movimento homossexual presentes no diversos sites e portais virtuais, como também nos discursos presentes em diários pessoais virtuais, os weblogs, nos quais é possível ver representados os impasses e problemas vividos pelos sujeitos homossexuais, que se utilizam da rede das redes para se comunicar e compartilhar experiências com outros homossexuais.

Polifonia gay e fragmentação social

Nas últimas décadas do século XX e nos primeiros anos deste século, assistimos a mudanças sociais tão drásticas quanto aos processos de transformação tecnológica e econômica. Apesar de todas as dificuldades do processo de transformação da condição feminina, o patriarcalismo foi atacado e enfraquecido em várias sociedades. Desse modo, os relacionamentos entre os sexos tornaram-se, na maior parte do mundo, um domínio de disputas, em vez de apenas uma esfera de reprodução cultural, e com este viés, pautando, significativamente, as formas de mobilizações sociais.

Os movimentos sociais tendem a ser fragmentados, locais, com objetivo único e efêmeros em seus mundos interiores ou brilhando por apenas um instante em um símbolo da mídia. Nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais e também sexuais (CASTELLS, 1999, p. 23).

Um dos exemplos da agrupação em torno de identidades sexuais são as Paradas do Orgulho Gay, que acontecem por muitas cidades do mundo no mês de junho, escolhido e considerado pelo movimento homossexual o mês do orgulho gay e da diversidade sexual, em razão da Revolta de Stonewall em 1969.

Stonewall é como ficou conhecido o marco inicial do Movimento Gay – é para os estudiosos da homocultura o divisor de águas de uma tentativa de afirmação identitária. Durante vários dias de Junho de 1969, os homossexuais que freqüentavam o *Stonewall Inn*, um bar de

Nova York, impuseram resistência às agressões sofridas por policiais, dando início a uma série de protestos e passeatas que podem ser lidas como instância embrionária das Paradas de Orgulho Gays contemporâneas (BRAGA JÚNIOR, 2004, p. 214).

Sobre esse fenômeno, que a cada dia se expande por várias cidades do globo, das megalópoles às médias cidades, existem diferentes opiniões. Para demonstrar, cito aqui um fragmento de discurso coletado em um blog:

Hoje foi dia da "Parada Gay" aqui de Sampa, pelo que eu li nos jornais, foram mais de 1 milhão de pessoas, bateu até as paradas internacionais, eu não fui, nunca fui aliás, não por nada, acho que não e muito minha praia, apesar de achar legal a união das pessoas, a alegria que ronda toda essa agitação, talvez um dia eu vá, tenho vontade, curiosidade para ver como e que e, fico feliz por saber que as pessoas estão tendo coragem de se mostrar, de assumir uma posição perante a sociedade, o que me deixa indignado e que em pleno 2003 ainda se precise reservar um dia no calendário pra mostrar que se "existe", para combater o preconceito de algo que devia ser tão natural, até porque a sexualidade é uma coisa que pertence somente e exclusivamente a cada indivíduo, o que se faz dentro de um quarto não devia ser rotulado de nada, somos seres sexuais e isso que importa, ou o que deveria importar, espero que daqui a alguns anos todos os dias sejam dias de "Paradas", sejam dias de respeito ao próximo, sem se importar com raça, cor, religião ou orientação sexual de quem quer que seja! (Blog: <http://boyzinhomalhado.wellogger.terra.com.br> 23/06/2003).

No espaço de comentários do blog, existe a seguinte opinião expressa.

Respeito o teu ponto de vista, mas acho importantes demais todas as manifestações que ocorrem no chamado Dia do Orgulho Gay. Elas são necessárias para demonstrar a força de vontade dos que defendem o respeito à diversidade. O resultado dessa luta, em um futuro que espero não estar longe, será a aceitação natural por parte de todos os segmentos sociais. Abraço (enviado por Caravaggio, 24/03/2003).

Sobre as paradas do orgulho gay, pode-se dizer que a grande maioria dos homossexuais são adeptos e defensores dela, pois vêem nas paradas uma grande possibilidade de conquista do espaço público e de visibilidade, mas outros não pensam da mesma forma já que acham que ali se concretiza apenas um espaço num dia do ano, quando a sociedade "finge não ser hipócrita".

Em relação a um outro aspecto desta questão da busca de aceitação social e busca concreta de vivência plena e aberta da situação homossexual, sempre se ressalta que os

homossexuais que vivem em grandes centros urbanos conseguem viver plenamente seus desejos, já que nessas cidades as relações seriam mais impessoais.

São Paulo está muito frio.mas não perde o encanto, não perde a majestade [...] já vai fazer 4 meses que estou morando aqui [...] essa cidade tem minha cara [...] gosto da diversidade, gosto dessa coisa "MEGA" [...] que nos torna cada vez mais anônimos [...]. é claro que tem seus lado negativos [...] um aglomerado de pessoas, porém muitas pessoas sozinhas [...] Mas ao mesmo tempo nos proporciona uma liberdade de ser e existir.E para ajudar estou vivendo uma fase muito boa da minha vida [...] no próximo final de semana teremos mais uma vez uma grande manifestação de alegria e cidadania [...] a "parada do orgulho gay" [...]
(Blog- <http://avidacomoe.blig.ig.com.br> 05/06/2004,17:19).

Esses sujeitos declaram se sentir mais livres num espaço mega como a cidade de São Paulo. Atestaria o fato o grande afluxo de indivíduos de todos os cantos do Brasil para participarem da parada do orgulho gay de São Paulo.

Instaura-se também no cotidiano uma reconfiguração de novas situações. Como exemplo, temos a formação de casais homossexuais que se instituem no já configurado padrão de família burguesa. Isso pode ser visto como uma forma de padronizar, numa estrutura já existente e aceita socialmente, uma nova configuração de duas pessoas do mesmo sexo estabelecendo laços de conjugalidade, como narrado entusiasmadamente num blog, no qual o autor partilha o que para ele é um dos maiores sonhos concretizados.

Mais uma vez venho aqui nesse espaço para dividir com vcs, minha felicidade, minha relação com o Fe esta indo muito bem, o cuidado o carinho que temos um com o outro é algo mágico [...] são coisas simples [...] mas que fazem muito bem para a alma [...] tipo: esperar para jantar juntos [...] acordar e dizer bom dia, te amo [...] fim [...] coisas do cotidiano apaixonado [...] Agora mais do que nunca acredito que a felicidade afetiva independe da condição sexual [...] é algo que transcende o entendimento [...] Estamos montando o ap [...]estamos aos poucos comprando tudo ao nosso gosto [...] ganhamos da minha mãe um cachorrinho..ou melhor[...] uma cachorrinha[...] o nome foi o fe que escolheu [...] "TOSCA" [...] Acho que todo mundo tem o direito de viver histórias como essa que estou vivendo[...] mas cada um tem seu momento [...] e posso dizer que o meu demorou a chegar[...] e nada foi tão fácil assim, tivemos inúmeros problemas [...] mas com amor e muita conversa fomos resolvendo e hoje posso dizer que estamos em completa harmonia[...] Quanto tempo vai durar? não sei [...] espero que muito [...] mas tenho a consciência que nada é eterno [...] mas quando chegar o fim [...] peço a deus que seja um final digno [...] para que mais para frente eu possa lembrar de tudo com carinho e saudades [...] é isso [...] bom final de semana a todos [...] beijão pra ti [...]
(Blog: <http://www.avidacomoe.blig.ig.com.br/> 23/03/2004).

O mesmo blogueiro narra emocionado uma outra situação que é a assimilação das novas vivências gays no meio social, principalmente na sua família em particular.

No último dia das mães para mim foi um dia diferente [...] Como eu estava sem carro [...] convidei minha mãe para ir jantar comigo lá em casa [...] Eles chegaram em casa por volta das 20hs [...] Sim eles!! Meu pai, minha mãe e meu irmão [...] reunião de família mesmo [...] meu pai conversou com o Felipe [...] enfim [...] foi muito bom [...] perceber que minha mãe não tem mais reservas [...] que encara minha relação com o fe [...] de maneira natural [...] fiquei muito feliz [...] (Blog: <http://www.avidacomoe.blig.ig.com.br/> 17/05/2004).

Um bom exemplo desse processo de assimilação social das novas reconfigurações encontra-se no caso da legalização da união civil entre pessoas do mesmo sexo em diversos países, tais como Dinamarca, Noruega, Suécia e Holanda e, mais recentemente, em cidades na França, Estados Unidos e Argentina.

Um outro fato importante a frisar é que, quase sempre, quando se fala de grupos sociais específicos, tende-se a homogeneizá-los, pois existe a idéia de conceber os homossexuais como um grupo homogêneo, mas isso é um risco e um equívoco. Na própria Parada, esses sujeitos se fragmentam em identidades diferenciadoras, organizando-se em espécies de alas segmentadas. Ao redor dos trios elétricos, a Parada é dividida conforme a autodenominação de identidades específicas, como os transexuais, os travestis, os bissexuais, os ursos (gays que se autodenominam assim por serem obesos), tendo ainda a variação dos ursos pandas (gays obesos, peludos e grisalhos), as *barbies* (gays malhados e depilados), as lésbicas. Esses sujeitos se agrupam através dessas “subidentidades” diferenciadoras, dentro da identidade maior que é a condição de serem homossexuais.

Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social. Essa tendência não é nova, uma vez que a identidade e em especial, a identidade religiosa e étnica tem sido a base do significado desde os primórdios da sociedade humana. No entanto, a identidade está se tornando a principal e, às vezes, única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. Cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são (CASTELLS, 1999, p. 23)

Nesse processo, a fragmentação social se propaga, à medida que as identidades tornam-se mais específicas e cada vez mais difíceis de compartilhar. A suposição implícita é a

aceitação da total individualização do comportamento e da impotência da sociedade ante seu destino, conquanto, é possível crer no poder libertador das identidades sem aceitar a necessidade de sua individualização ou de sua captura pelo radicalismo relacional perante outras identidades, ou seja, no enquadramento limitador. Falar de autoconstrução de *identidades homossexuais* ao invés de autoconstrução da identidade homossexual, porque as identidades são múltiplas e, no meio informacional, seus discursos são polifônicos.

Especialização de mídias pelas identidades gays

A revolução da tecnologia da informação difundiu pela cultura o espírito libertário dos movimentos dos anos 60. Assim, quando, na década de 70, um novo paradigma tecnológico, organizado com base na tecnologia da informação, veio a ser constituído, principalmente nos Estados Unidos, foi um segmento específico da sociedade norte-americana, em interação com a economia global e a geopolítica mundial, que concretizou um novo estilo de produção, comunicação e gerenciamento da vida.

No entanto,

logo que se propagaram e foram apropriadas por diferentes países, várias culturas, organizações diversas e diferentes objetivos, as novas tecnologias da informação explodiram em todos os tipos de aplicações e usos que, por sua vez, produziram inovação tecnológica, acelerando a velocidade e ampliando os propósitos e intuítos das transformações tecnológicas, bem como diversificando suas fontes e processos (CASTELLS, *id.*, p.25).

Os meios de comunicação de massa passaram a se estruturar sob a tendência de especialização da informação e esse processo se intensifica numa “evolução” progressiva, principalmente nos anos 90 com o fim da Guerra-Fria e o surgimento de uma “sociedade informacional” em escala mais global.

As mídias impressas, principalmente as revistas, estruturam-se pela lógica da especialização em temáticas, criando assim publicações exclusivas, como as revistas sobre moda, sexo, comportamento, esporte, música, política etc. Revistas específicas que se denominam de GLS, voltadas para o público homossexual, multiplicam-se pelo mundo. No Brasil, a revista de maior circulação é a *G Magazine*⁴, que traz variedades, mas todas

⁴ Uma publicação mensal, editada desde 1999, por Fractal Edições. A Revista G Magazine, dedicada ao público homossexual, chega a vender 100 mil exemplares mensais e recebe cerca de 2 mil cartas de leitores por mês,

limitadas ao universo gay masculino, com poucas exceções referentes à homossexualidade feminina. Seu conteúdo apresenta fotos de nudez masculina, resenhas de livros e filmes de temática homossexual, artigos sobre comportamento e estética, legislação, entretenimento, e publicidade voltada para o público gay.

Os canais de televisão passaram por esse mesmo processo de transformação que também seguiu a tendência fragmentária de especialização da informação, principalmente após a invenção dos canais a cabo. O telespectador pode escolher assistir a programas que tratem assuntos diversos ou assuntos específicos, como os canais de documentários, religião, filmes, saúde, moda, esportes, culinária, desenhos animados.

Canais de televisão voltados para o público homossexual são realidades em alguns países como o Canadá, Estados Unidos e França, mas ainda são experiências locais ou que são acessíveis somente pelas televisões a satélite, como SKY. Na época do anúncio de um canal nos Estados Unidos, um grande alarde publicitário foi feito:

A MTV e Showtime se unem para lançar canal gay. Os Estados Unidos estão próximos de ganhar seu primeiro canal de televisão exclusivamente gay. O conglomerado Viacom, proprietário da MTV, Nickelodeon e VH1, entre outros, está planejando uma parceria com o *Showtime* para a criação da rede orientada para o público homossexual. De acordo com o TV Guide norte-americano, grupos como HBO, USA e Rainbow Media, holding que mantém o Bravo e AMC, também estão desenvolvendo projetos similares. O canal Showtime/MTV pode entrar no ar em menos de um ano, com um período inicial de programação formada por blocos de quatro horas. Atualmente, existe no mundo apenas um canal gay, o PrideVision, no Canadá, lançado com sucesso no ano passado. O *Showtime* vem se firmando como um dos mais ousados canais dos Estados Unidos, tendo co-produzido nos últimos anos os hits gays *Contos da Cidade* e *Os Assumidos*. Muito antes, em 1984, eles já haviam produzido *Brothers*, a primeira série com personagens homossexuais do país. A Viacom já está procurando produtores e escritores para desenvolver séries e projetos especiais ao novo canal (JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, 09 de Janeiro de 2002).

A MTV, tanto a norte-americana quanto à brasileira, também tem, há vários anos, uma política de abordar, com naturalidade, o tema homossexual, incluído personagens gays em seus programas. O sucesso de programas e seriados que abordam essa temática, como *Will & Grace*, *Ellen*, *Queer as Folk* (*Os Assumidos*, *Queer eye for the straight guy*.) também vem dando impulso a projetos de canais gays. Segundo os produtores e idealizadores, a vantagem

geralmente anônimas, elas mostram uma face da sexualidade pouco retratada em pesquisas (medos, fantasias). Mais informações podem ser encontradas no site: <http://www.gonline.com.br> .

de se apostar em um canal gay de TV a cabo seria não depender do dinheiro de anunciantes, uma vez que ainda existe certo tabu em se vincular produtos ao público gay. Fato que tem mudado a passos curtos (o canal gay deve seguir o formato do *Showtime*, que não tem anúncios e sobrevive do preço das assinaturas dos pacotes especiais de TV a cabo e por satélite).

Segundo as principais publicações de marketing dos Estados Unidos e produtores especializados em programação gay, o filão é grande no país. De acordo com a revista *Brandweek*, cerca de 15 milhões de pessoas da população adulta nos Estados Unidos assumem ser gay, o que representa um gasto anual na faixa entre US\$ 250 bilhões e US\$ 350 bilhões; ou seja, a homossexualidade e a fragmentação da mídia em função do tema gay possibilitam à indústria cultural uma nova expressão significativa de possibilidades de exploração de mercado em busca de lucro, fundamentado no consumo de produtos por um público que tem suas identidades construídas sob esses parâmetros.

A formação de comunidades gays no âmbito virtual

Vemos, hoje, que os analistas sociais têm se voltado sobretudo para a análise das novas práticas sociais que estão emergindo em setores específicos do mundo das telecomunicações e da informática. A Internet, por exemplo, atrai, cada vez mais, a atenção de pesquisadores como um novo espaço social no qual são gestadas novas formas de pensamento e convivência. Ao contrário da crítica radical que considera a rede como espaço de isolamento e de alienação, percebe-se, através de pesquisas, que esse novo meio propicia novas formas de sociabilidade. Nesse sentido, a Internet parece ser o espaço em que todos querem se mostrar presentes, dar opiniões, manifestar seus gostos e preferências, manifestar suas subjetividades. O indivíduo supostamente isolado pela técnica cede lugar ao indivíduo ansioso por manifestar sua individualidade e estabelecer novas relações sociais pelos meios eletrônicos.

Os weblogs são, então, nesse turbilhão de novidades no mundo virtual, o mais recente e disseminado mecanismo de sociabilidade na rede mundial dos computadores. Não se sabe até quando, já que a rede funciona por mecanismos de obsolescência e renovação constante, mas o que pode se afirmar é que esses mecanismos de pesquisa social existem e estão visíveis e acessíveis, disponibilizando a manifestação de discursos polifônicos, refletores de muitas questões sociais, dentre elas o conflito social vivido pelos homossexuais. Um conflito representado no discurso gay presente em weblogs, sendo estes os pilares da auto-afirmação

das nuances de uma identidade gestada e publicizada nos diários virtuais. Nesses espaços, fica nítido o processo no qual sujeitos autodenominados homossexuais se utilizam do novo recurso de mídia para estabelecer a (homos)sociabilidade, sobretudo no processo de diálogo e desabafo nos diários, ocorrendo a gestão de uma identidade que passa a ser dizível no processo de encontro com outros sujeitos, cúmplices em sentimentos, desejos e anseios. Como foi dito em um blog, *“o que sinto estando aqui na rede é comparado ao que alguém sente quando se está num país estrangeiro e encontra alguém de sua mesma origem e que fale a mesma língua”*. Fica bem claro, então, que o espaço de homosociabilidade, concretizado na Internet, cristaliza a auto-construção e auto-afirmação de identidades que comungam uma rede de simbolismos comuns, dentro da constituição e consolidação do sentimento de pertencimento a tal comunidade.

Em diversas análises feitas a respeito da Internet, é comum destacar seu poder de formação de comunidades. Mas o que se quer dizer com essa afirmação? “Comunidade” se tornou uma palavra da moda, citada por quase todos os meios de comunicação, em diversos contextos. Seu uso indiscriminado acaba por colocá-la no limiar de sua perda de significado. O resultado desse fato é a perda de sua precisão descritiva, o que faz com que ela retenha apenas um vago conceito, levemente positivo. Se o uso comum serve como indicação, é possível a um mesmo indivíduo pertencer, ao mesmo tempo, à comunidade local, à comunidade gay, à comunidade científica, à comunidade judaica, à comunidade rural e até à globalizada comunidade internacional. Dessa forma, pode até parecer que não é possível ao ser humano moderno deixar de pertencer a algumas delas, o que, em última instância, não significa absolutamente nada.

Perguntaríamos: o que, então, definiria um agrupamento social, seja físico ou virtual, como relevante? Para responder a essa questão, é preciso analisar um modelo clássico de comunidade, a religiosa. Nela, todos os seus membros estão sujeitos a um conjunto de regras, que não só determina seus interesses como influencia muito de seus ideais. Uma comunidade religiosa, em sua definição estrita, é um corpo social organizado de acordo com um grupo de regras bastante específicas para a vida em comum e para quaisquer atividades que sejam compartilhadas, para o qual os indivíduos são admitidos depois de um noviciado. Os exemplos mais comuns desse tipo de comunidade são os conventos e mosteiros.

Sob esse ponto de vista, nem a comunidade gay nem a comunidade de negócios poderiam ser consideradas comunidades clássicas, embora se instaure nas subjetividades dos sujeitos um sentimento de pertencimento a uma “comunidade” quando se comunga características e interesses comuns. Nas duas primeiras, o que está sendo camuflado como

unidade é, na realidade, um grupo com um interesse específico – um corpo de indivíduos reunidos sem nenhum princípio ou regra comum, mas pelo fato contingencial de terem interesses coincidentes.

Uma comunidade virtual, portanto, não é experimental indistinguível da real, mas uma forma diferente de agrupamento social. Tampouco ela pretende substituir a experiência original ou dispensa a sociedade material, os ambientes físicos ou contatos pessoais. Ela apenas diminui a importância do ambiente físico, que deixa de ser essencial para se tornar acessório (ANTUNES, 2001, p. 223).

O fato singular sobre os espaços virtuais gays e, em especial, os blogs é que, ao contrário do que se possa pensar, eles não são exercícios solitários de escrita sobre a própria vida. Em torno das páginas eletrônicas dos blogs, formam-se verdadeiras comunidades de “amigos” virtuais (on-line) e para além do virtual, sendo que o virtual aqui é apenas delimitado pela separação de “amigos” que estão em locais *off-line* distintos. As comunidades podem ser facilmente detectáveis pelos *links* que ligam as páginas entre si. E pela intensidade dos comentários, é possível ver que são cativados leitores regulares.

A “comunidade” que se forma é certamente aquela que Bauman (2001) chama de “estética”, mais frágil, incapaz de compromissos a longo prazo, até mesmo porque é, em grande parte, constituída por afeto, cumplicidade, desejo e busca. Isso não faz, porém, que a comunidade não tenha um caráter ético, até mesmo político, uma vez que se revela espaço de resistência, de elaboração de manifestações, estilos de vida, de parcerias e associações, com reflexos cotidianos na vida pessoal. Por outro lado, não se pode dizer que uma comunidade dessa natureza integre-se facilmente na reivindicação de direitos no diálogo com as instituições tradicionais do mundo político. Instaure-se, nessa perspectiva, a tensão entre a solidariedade afetiva, pontual, e uma outra, política e até mesmo estratégica, fundada numa imagem coletiva e não individual. Nesse sentido, são os blogs um espaço de intensa representação identitária no âmbito da cultura virtual.

A gestão de uma identidade (in) dizível

Os limites do possível e do impossível com relação aos experimentos culturais são traçados pelo senso comum de um tempo. Por isso, as reações homofóbicas são sustentadas pelas representações cotidianas de nossa cultura atual. Se, por um lado, a televisão exhibe

filmes e séries que alargam o espaço das diferentes manifestações de erotismo, por outro lado, paradoxalmente, ela também reforça o preconceito, na medida em que tornam o gay uma figura risível, intensificando sobre ele a sensação de estranheza social, principalmente quando faz do homossexual alguém tão difícil de se entender, e que é julgado merecedor de dezenas de entrevistas médico-técnicas, às vezes com gente bem intencionada, que, na verdade, ajudam a fabricar um “enigma” a ser desvendado.

Parece não ocorrer a ninguém perguntar os motivos de alguém ser heterossexual, motivo, em princípio, igualmente problemático, uma vez que o erotismo humano não tem um fim em si mesmo, nem sequer a reprodução. Ora, não problematizar a heterossexualidade é inocentá-la como regra, padrão e norma. É mitificá-la como forma natural de expressão erótica, a partir do que, então, a homossexualidade é vista como desvio.

Se a epidemiologia fala dos homossexuais em termos de “grupo”, como no caso do estabelecimento do chamado grupo de risco para o HIV/Aids, os próprios homossexuais, em sua maioria, também constroem uma representação de si mesmos apoiada no reconhecimento dessa classificação científica, rígida, friamente estratificada. Os conceitos sociológicos de “desvio” ou de “estigma” ferem igualmente a suscetibilidade de muitos deles. A recusa dessa classificação de desvio questiona a redução de sentimentos socialmente reprovados, muitas vezes difusos e vagos, a conceitos gerais. Na verdade, quer emane de uma abordagem estatística, funcionalista ou interacionista, o conceito de desvio pressupõe a transgressão de normas. Ora, os valores sexuais são, hoje, oscilantes demais para definir consenso do normal e, conseqüentemente, o conceito do que é transgressão. Nessa imprecisão de referências e de modelos, a homossexualidade – que não é mais necessariamente condenada, embora não seja aceita – já não é considerada, tão homoganeamente, uma violação automática de normas que exigiria sanção. Falar de uma tendência homossexual afirmada, assumida e/ou aceita, seria, portanto, mais pertinente e essa tendência auto-afirmativa, hoje, é uma realidade complexa, na medida em que muitos discursos, nos mais variados canais, são construídos em favor da concretização da aceitação da pluralidade. Essa é uma tendência já sinalizada, embora com muitos percalços e embates conservadores. Percebemos que essa gestão é fabricada no cotidiano, nos mais diferentes contextos e meios sociais reais e/ou até mesmo meios virtuais.

Os estudos e pesquisas dos últimos anos apontam que transformar uma homossexualidade conhecida em uma homossexualidade aceita é tarefa difícil, que mobiliza toda a energia do indivíduo. Isso pode ser verificado na análise dos discursos dos blogs, pois é muito nítida essa mobilização da energia pessoal na busca de se auto-aceitar e de se auto-afirmar enquanto tal. Em razão do fato de uma parte significativa da orientação sexual dos

homossexuais ser ignorada por seus parentes mais próximos, percebe-se também que os sentimentos homossexuais, e conseqüentemente a homossexualidade, continuam sendo, em termos exatos, “indizível” fora de mecanismos como os blogs. No plano do virtual e na sociabilidade do encontro com os mesmos, o dizer-se gay é mais facilmente configurado. Pois, mesmo nos casos dos homossexuais que as famílias aceitam e sabem de seus desejos e práticas homossexuais, um contrato tácito relega o tema ao plano do não-dito. Nesse sentido, concebo e concluo que espaços de expressão subjetiva no âmbito virtual, como os blogs, sendo diários de desabafo e vocalização, cumprem e tornam esses espaços a concretização dita do até então indizível, instaurando uma autogestão da identidade, compartilhada com outros indivíduos também silenciados.

O simples fato de qualificar algumas de suas relações familiares ou sociais em função do silêncio guardado sobre sua sexualidade é a prova disso: a contradição entre a obrigação sentida de confessar sua homossexualidade e a incapacidade de fazê-lo resulta em formas complicadas de gestão de uma identidade indizível, que a liberalização dos costumes, nos últimos vinte anos, teve a tendência de deslocar e não suprimir definitivamente. Essa liberalização, promovida igualmente pelo movimento de emancipação homossexual, permitiu e tem permitido a um número crescente assumir facilmente suas práticas homossexuais, afirmar-se e encontrar uma identidade reivindicada publicamente. Mas essas mudanças de trajetórias individuais e coletivas se organizam em torno de um determinado número de condições e/ou coerções que são os meios de que dispõe um homossexual para assumir-se e fazer-se aceitar, em suma, para inserir-se em nichos sociais favoráveis à realização de seus desejos. Os dados levantados nos blogs se organizam, então, em torno de pólos que refletem experiências e trajetórias comuns.

A concepção do círculo de amigos estabelecidos na rede através dos blogs reflete essa construção de si. Ao contrário dos vínculos familiares, a escolha das amizades exprime a vontade e a capacidade individuais de organizar a própria vida social segundo a espontaneidade de seus desejos, e não segundo os imperativos dos deveres e das obrigações. Na falta de vínculos familiares consistentes, o círculo de amigos torna-se o único lugar onde o homossexual “que tomou uma resolução” pode exprimir suas emoções e seus sentimentos. As amizades homossexuais permitem romper o sentimento de isolamento social, comum a todos aqueles que ainda estão à procura de si mesmos, e, portanto, à procura de seres semelhantes, capazes de compreender-se e consolar-se mutuamente. Essas amizades, sobretudo sustentadas também pela sociabilidade virtual, geram um sentimento de vinculação a um “nós”, a uma

comunidade e, dessa forma, a identidade vai sendo ajustada e vestida, primeiramente como um processo de reconhecimento de si para si mesmo e, depois, para os outros.

Referências

ANTUNES, Luiz Guilherme, *Cyrano Digital - a busca por identidade em uma sociedade em transformação*. (Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação) USP, São Paulo, 2001.

BAUMAN, Zigmund, 2001, *Comunidade a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2001.

BRAGA JÚNIOR, Luiz Fernando Lima. *Homoerotismo e Homossociabilidade: Bom-crioulo, romance naturalista*, p. 213-218. In: LOPES, Denílson (et al). *Imagem & Diversidade sexual - estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa Edições, 2004.

BRUNI, J. C., *Foucault e o silêncio dos sujeitos*. In: TEMPO SOCIAL, USP, São Paulo, vol. 1, n.1: 199-207, 1989.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. A era da informação: Sociedade e Cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed, 1981.

_____, *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____, *História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____, 1988, *História da Sexualidade III: O cuidado de si*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GIDDENS, Anthony, *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

_____, *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed Unesp, 1993.

HALL, Stuart, *A identidade cultural na pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

LOURO, Guacira Lopes, *Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento*. In: LOPES Denílson (et al). *Imagem & Diversidade sexual -estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa Edições, 2004.

MUCHAIL, Salma T, *Olhares e dizeres*. In: RAGO, M. ORLANDI, L. B., VEIGA-NETO, A. (orgs) *Imagens de Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: DP&A: 299-308, 2002.

THING, Lowell. *Dicionário de Tecnologia*. São Paulo: Futura, Weblog, p. 951, 2003.